

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8.....	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9.....	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiúscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10.....	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11.....	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12.....	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13.....	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14.....	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15.....	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16.....	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17.....	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18.....	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19.....	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ

Data de aceite: 01/12/2020

Solange Pereira do Nascimento

Universidade do Estado do Amazonas – Centro
de Estudos Superiores de São Gabriel da
Cachoeira – AM.

<http://lattes.cnpq.br/3700027234383055>

RESUMO: Este estudo assume o propósito de desvelar os sentidos e significados do feminino na etnia Sateré-Mawé, sua importância e influência, buscando compreendê-la no âmbito da mitologia, dos rituais e das manifestações simbólicas próprias da etnia. O estudo atende a uma perspectiva metodológica e teórica de cunho investigativo tendo por base a dialógica, sugerida por Edgar Morin, que nos permitiu tecer uma rede de conversa com outros saberes. O locus da pesquisa foi a Comunidade Simão na Terra Indígena Andirá-Marau, Barreirinha/AM. Buscamos saber se há realmente um princípio feminino que deu origem ao povo Sateré-Mawé, sua arquê sob a qual se assentou as bases de sua cultura material e imaterial. Investigar a rica e simbólica mitologia do povo Mawé significou mergulhar na ontogênese de um povo que tem no feminino sua origem e a coluna de sustentação composta pela tríade: sakpó, tucandeira e moça nova. Deve-se concluir, a partir da realidade revelada, que o sakpó, bebida sagrada dos Sateré-Mawé, derivada do guaraná, é o chefe dos Mawé, aquele que ilumina a palavra e confere êxito nos acordos políticos e nas relações sociais

tecidas por esse povo. Deve-se considerar, por fim, que são as mulheres as responsáveis pela feitura do sakpó, o que dá a elas primazia na condução mítica da etnia.

PALAVRAS - CHAVE: Etnia Sateré-Mawé, Sakpó. Feminino, Tucandeira

SAKPO AS A THRESHOLD EXPERIENCE IN THE SATERÉ-MAWÉ CONTEXT

ABSTRACT: This study assumes the purpose of unveiling the senses and meanings of the feminine in the Sateré-Mawé ethnicity, its importance and influence, seeking to understand it in the context of mythology, rituals and symbolic manifestations typical of the ethnic group. The study meets a methodological and theoretical perspective of an investigative nature based on the dialogic, suggested by Edgar Morin, which allowed us to weave a network of conversation with other knowledge. The locus of the research was the Simão Community in the Andirá-Marau Indigenous Land, Barreirinha / AM. We seek to know if there is really a feminine principle that gave rise to the Sateré-Mawé people, their arch on which the foundations of their material and immaterial culture were based. Investigating the rich and symbolic mythology of the Mawé people meant plunging into the ontogenesis of a people that has feminine origin and the support column made up of the triad: sakpó, tucandeira and young girl. It must be concluded, from the revealed reality, that sakpo, the sacred drink of the Sateré-Mawé, derived from guaraná, is the chief of the Mawé, the one who illuminates the word and gives success in the political agreements and

in the social relations woven by that people. Finally, it must be considered that women are responsible for making sakpo, which gives them primacy in the mythical conduct of ethnicity.

KEYWORDS: Sateré-Mawé ethnicity, Sakpó. Female, Tucandeira

A ritualística do povo Sateré-Mawé é um convite para conhecermos com maior profundidade, a centralidade de sua cultura, um caminho que percorremos pelas sendas do imaginário social preñado de significados e manifestações simbólicas. Trata-se de um acervo significativo de crenças arquetípicas guardadas na memória que, vivido em coletividade, norteia a vida desse grupo étnico.

Geralmente o povo Sateré-Mawé é conhecido só em função do ritual da tucandeira, porque é também o mais propagado no meio não indígena. Trata-se de um ritual masculino que enaltece a virilidade do jovem neófito, e se torna mais visível na arena pública do que o ritual da moça nova, realizado no silêncio e num período de quatro a cinco meses de retiro espiritual.

É por esses caminhos da ritualística desse povo que a crença naquilo que escrevemos vive uma perigosa indeterminação. “Ela torna presente aquilo que está ausente, e é duplamente signo [...] de algo que não está mais presente da ausência e ausência de presença, é um rastro” (GAGNEBIN, 2014, p. 21). Trata-se de uma reflexão que nos levará à fenomenologia do sakpó, bebida sagrada dos Sateré-Mawé.

A fenomenologia desta bebida sagrada encontra no limiar proposto por Walter Benjamin a sua possível interpretação. Para Benjamin (2007), trata-se de um limiar (*schwelle*) de fronteira (*grenze*). Para o autor, o limiar é uma zona de mudança, de transição e de fluxo, mesmo que pertencente à ordem do espaço se refere essencialmente a tempo, o que difere de fronteira que está mais diretamente relacionado a território entre dois ou mais espaços geográficos ainda que haja fluxo e transição entre eles.

A ideia de tempo permite a transmissão de imagens *mnêmicas* que dão lugar a uma experiência, mas que não podem ser percebidas pelos sentidos não perceptíveis. A natureza tem uma influência muito grande nesse processo de contar o tempo, se assim podemos falar. Entre os Sateré-Mawé o tempo é o presente traduzido no tempo real da colheita dos frutos, de acordo com a estação, pelas fases da lua, o que implica a plantação da roça e a pesca, mas não necessariamente pelo *chronos*.

O tempo é, então, o devir, a abertura. O tempo não se atrela à perspectiva linear tradicional na qual passado, presente e futuro se articulam numa sequência retilínea de acontecimentos, mas é pensado como unidade destas três dimensões (HEIDEGGER, 2004). Se tudo é presente, tudo é mutável, pois o presente por definição é sempre novo: “a eternidade, o ser, a matéria, a necessidade ou o ato não passam de maneiras diferentes de pensar a universal presença do devir, que é o sujeito do tempo e sua única realidade” (COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 139).

Toda a tradição Sateré-Mawé parece estar ligada ao princípio feminino que, por sua

vez, se interrelaciona com o elemento guaraná. Deste elemento natural, nascido no grande ventre da terra, brota também o elemento político e sobrenatural no qual estão fincadas as crenças sagradas dos Sateré-Mawé, que, através do sakpó, como iluminador da ação política, é conduzido para o cumprimento e reprodução da vida pela mão da mulher. Torres (2015) considera ser a mulher Sateré-Mawé o princípio e o fim, o alfa e o ômega da etnia. O caminho pelo qual todos deverão passar para encontrar seu próprio destino. Numa linguagem metafórica, podemos dizer que a mulher Sateré-Mawé é a expressão da própria terra de onde tudo provém e para onde tudo retorna após seu fim. Assim como da terra brotam as plantas e a água que alimentam o homem, da mesma forma, da mulher brota a força do sakpó como elemento iluminador de sua ação política e de sua vida coletiva.

O sakpó é uma prática coletiva conduzida pelas mulheres e esta prática está presente em todas as ações e atos sociais do seu povo. Se a presença física da mulher no meio político é invisibilizada, ela rompe as barreiras da discriminação na sua forma espiritual, tendo no sakpó a sua centralidade. Esta bebida mítica é servida aos convivas em sentido horário pelas mãos da mulher e para ela retorna fechando o ciclo da intenção para a qual foi servida.

A partir da narrativa mítica exposta no primeiro capítulo, entendemos que o sakpó derivado do fruto do guaraná se constitui na centralidade do povo Mawé e é a partir dele que o próprio povo se organiza coletiva e politicamente. Essa experiência os faz transitar entre duas realidades e dois tempos indistintamente. Passado e presente, natural e sobrenatural não são dicotômicos entre si como fronteira, mas fluem, transitam num ir e vir aonde tudo é passível de realização.

Ao tomar o sakpó, os Sateré-Mawé empreendem a viagem mítica de volta a um passado espiritual onde se dá o encontro com o grande chefe da tribo, o guaraná. É importante ressaltar neste contexto que esse ritual é realizado a qualquer momento, o que nos indica estar este povo intrinsecamente ligado ao seu mundo espiritual e nele e tão somente nele encontrar o sentido de sua existência.

O sakpó deve ser cuidadosamente ralado sempre no sentido horário pelas mãos de uma mulher que já tenha feito a experiência da maternidade, pois o sakpó é grávido de um novo *kairós* e revela a abertura desse povo na perspectiva do contemporâneo que, para Agamben (2009, p. 18), “é sempre retorno que não cessa de se repetir, portanto nunca funda uma origem e, com isso, se aproxima da noção de poesia”, pois, para ele, a poesia é “esse movimento do olhar para trás operado no poema e, portanto, um olhar para o não-vivido.” (IDEM, p. 19).

Essa planta híbrida, o guaraná, que surge do amor de uma mulher e de um ser mítico, a cobra, torna-se ontologicamente o nascedouro da cultura Mawé. Lévi-Strauss (2012, p. 53) considera que “os seres que o pensamento indígena investe de significação são percebidos como que mantendo um certo parentesco com o homem”. Se chamássemos esses seres de sobrenaturais falsearíamos um pouco o pensamento dos índios (JENNESS,

1935). O importante é compreendermos que deste amor proibido, vivido no jardim do Nosokén, os dois geraram o grande chefe – o Guaraná, que nortearia para sempre a vida dos Mawé tanto no sentido espiritual como material, pois o guaraná é aquele que inspira a boa venda, o bom relacionamento com o branco, aquele que fala nas reuniões, aquele que traz a paz entre eles e os faz crescer enquanto povo (UGGÉ, 1991).

Em sua trajetória de vida, este povo se exaspera em sua cultura, rituais, vivência comunitária e história narradas pelos mais antigos como fonte de sabedoria que os estimula a recomeçar sempre sem perder sua identidade arquetípica. É esse beber continuamente nas fontes originárias de seus ancestrais que permite aos Sateré-Mawé conviver com outros povos sem perder suas raízes e o sentido de sua existência. Essa experiência só é possível a partir do feminino da etnia, que é a porta de acesso ao limiar sem o qual não poderíamos falar da origem desse povo que transita igualmente entre o mundo mítico constituído por seus deuses e o mundo real contemporâneo.

O sakpó é a dádiva dos deuses ancestrais do povo Mawé. O anelo sagrado que os une enquanto povo e norteia sua prática cotidiana tanto em relação ao trabalho, ligado diretamente com a terra, quanto no que diz respeito à dimensão de sua misticidade relacionada com a mãe-terra, os astros, as matas e os rios. O sakpó, primordialmente unido a outros rituais como o da tucandeira, torna-se a brecha que possibilita o retornar às fontes originárias, gerando impulso que os direciona no caminho do inesperado num constante esperar.

O sakpó enquanto elemento mítico propicia ao povo Mawé a experiência do reencontro com seus antepassados. Eles acreditam que os espíritos ancestrais de seu povo estão presentes em todos os lugares e os acompanham continuamente em sua vida cotidiana. Não é temerário afirmar que, ao ingerir o sakpó, o sateré ascende ao mundo dos deuses e de lá retorna tendo feito a experiência do *homologeïn*. Assim, entendemos o limiar como um eterno fluxo presente onde não há distinção entre as coisas naturais e sobrenaturais. O mundo natural rodeado pela natureza e tudo o que ela é em si mesma é apenas um reflexo do mundo sobrenatural do qual estão sob constante influxo pela força do sakpó.

Ao ingerir o sakpó, o Sateré-Mawé alcança o portal dessa experiência mítica sem artifícios de transe ou coisa do gênero, como observamos entre os Yanomami que, para ascender ao mundo espiritual, fazem uso do paricá (extraído de uma planta amazônica que, preparado até se tornar um pó bem fino, é colocado numa zarabatana e inalado. Ele tem elementos alucinógenos em sua composição, o que permite o estado de transe durante o ritual).

O que impressiona em relação ao sakpó, como diz Vivaldo Valente (50 anos), é que “ele é vida, é transcendente. O sakpó que vem do guaraná que é vida dentro de um líquido que é água produz vida” (entrevista, 2014). Eles acreditam que o sakpó é a porta que conduz ao plano de onde vieram e para o qual retornarão um dia. O ato de ingerir o sakpó

e desejar apenas coisas boas é a condição para o retorno, ou como diz Benjamin (2007, p. 535), para a “morada do sonho”. Observemos a figura a seguir:

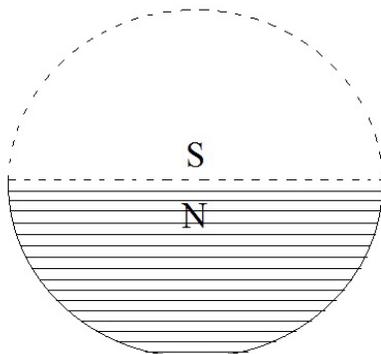


Figura 1: O limiar entre o natural e o sobrenatural.

Autoria: Solange Nascimento, 2014.

Nessa figura, o mundo natural [N], que representa a existência e as coisas existenciárias, mostra-se fechado por traços, porque não há mais nada a ocorrer diante da condição biológica (Nascer, Viver, Morrer). Essa é a expressão da natureza em sua totalidade. Na parte superior do ciclo, encontra-se a dimensão do sobrenatural [S] pontilhado e em aberto. Essa dimensão para a qual se volta o nosso olhar, nossa poesia, nossa reflexão diante da eterna e única pergunta sem resposta: *de onde viemos e para aonde vamos*, nos move em todas as direções em busca de uma solução que apazigue a nossa inquietação.

O elemento sobrenatural [S] nos instiga a perguntar pelo sentido da existência pelo fato de querermos acreditar que ela irá se extinguir com o advento da morte. Deve-se reconhecer que a morte é uma passagem para uma dimensão desconhecida. Isto nos coloca em abertura constante entre uma realidade e outra, nem sempre como limiar (*schwelle*), mas como fronteira (*grenze*). Os dois traços representando essa passagem fechada em relação ao mundo [N] expressa a realidade daqueles que perderam a perspectiva do poema, como diz Agamben (2009). O outro traço em aberto na dimensão [S] é a possibilidade da experiência daqueles que habitam a morada dos sonhos, como afirma Benjamin (2007). Os Sateré-Mawé vivem essa experiência da morada dos sonhos. Para eles, não há distinção entre o mundo natural e o sobrenatural. As duas realidades se tocam pela força da chave que torna essa experiência possível: O sakpó [N<->S].

A morada do sonho, como fala Benjamin (2007), não é um lugar estabelecido, porque não se refere à fronteira (*grenze*), mas à dimensão do limiar (*schwelle*) por não ser um

espaço fechado, delimitado. O limiar é o espaço da transitoriedade, de passagem de ida e volta. O lugar onde tudo é possível. O limiar não é uma tenuousidade, embora se ponha *in limine* ou no interregno. “Ele é capaz de se derramar sobre suas bordas, desbordar, espalhando grande possibilidade de potência. Assume um aspecto dançante e metamorfoseante” como assinala Behrens (2010, p. 96).

Torres (2015, p. 14) considera que o limiar nos ajuda a pensar a fronteira étnica, “o lugar como canto de territorialização e desterritorialização concomitantemente. Nos permite pensar a figura feminina como central dentro da cultura étnica, embora a mulher seja silenciada pelo anelo de um patriarcado transvestido de ‘cultura’”. Enfatiza a autora:

É na penumbra rizomática da ontogênese Sateré-Mawé que a mulher encontra o seu lugar de destaque, no limiar entre o mítico-cultural da força feminina e o reino da política com seus cânones androcêntrico. Um vasto raio de possibilidades pode atingir a mulher Mawé, a partir deste limiar, que aparece com maior luminosidade no tempo contemporâneo (TORRES, 2015, p 15).

Para os Sateré-Mawé, a prática cotidiana do sakpó consiste em dar a ele um lugar de destaque que é uma maneira de não esquecer seus ensinamentos. O mundo moderno no qual estão inseridos têm atrativos contrários às suas leis morais. O sakpó torna-se um chamamento à vivência de suas crenças e um reforço mítico-espiritual que permite tornar vivas as raízes da grande árvore que os sustenta, o guaraná.

O sakpó é também a expressão mais profunda da relação da mulher com a terra. Até o momento presente pela narrativa do mito, o que tínhamos era um caos estabelecido. Para Gorresio (2005, p. 109), o caos se refere ao “princípio ontológico. É a imagem mítica que, em termos da filosofia romântica, poderíamos aproximar de *Ungrund*, o abismo do Ser ou ao Nada romântico onde tudo começa, onde tudo se perde e se dissolve”. A morte do filho da mulher e o ato de enterrá-lo representam a morte de um passado de guerras, do caos que reinava e do surgimento de um novo homem, potencialmente renascido da terra, plantado pelas mãos de uma mulher.

Para os Sateré-Mawé, esse novo humano está representado na formação de um clã único no renascimento de um povo que é o povo Sateré-Mawé. João Cutia, indígena da comunidade Simão, no rio Andirá, revela a forma como ocorreu a organização num único clã nos seguintes termos:

Nós somos muitos clãs e vivíamos separados, brigando entre nós. Brigamos muito e começamos a perceber que aquilo não ia dar certo, porque a gente estava morrendo muito. Então cada clã foi conversando entre si e a gente percebeu que, se continuasse daquele jeito, não ia mais ter o nosso povo. Então resolvemos parar. Reunimos (todos os clãs) e decidimos que seríamos um único povo. Uma única nação. E escolhemos ser Sateré-Mawé (João Cutia, 53 anos, entrevista, 2014).

João Cutia está se referindo ao tempo de seus ancestrais cuja história está gravada no Puratin, símbolo diacrítico dos Sateré-Mawé. Trata-se de uma espécie de

“livro” constitucional do povo Mawé, considerado sagrado porque contém nos seus signos heroglifados a história do povo e sua trajetória pela terra. O remo tem dois lados. De um lado, narra parte da história que eles denominam como sendo um tempo de conflitos e contendas entre eles; muito provavelmente uma experiência antes do guaraná como nos revela a história mitológica do Puratin e, de outro lado, a história que narra um tempo de paz e prosperidade, possivelmente, após o advento do sakpó, que culminou em grandes mudanças na vida desse povo.

Numa das passagens narrativas do mito do guaraná se lê: *“depois o pai do menino ficou zangado e deu um tiro nas larvas de pau e elas caíram na água”*. Para Lévi-Strauss (2012, p. 72), esse vocabulário que fala sobre “vermes, larvas e insetos são agrupados sob um termo genérico que exprime o fervilhamento, a erupção, a ebulição e a efervescência” de um momento significativo de mudança para aquele povo. No lado reverso do puratin, muito provavelmente consta o início de um outro momento da história após o surgimento do guaraná, do sakpó, que não é mais um tempo de fervilhamento relacionado ao primeiro caos no Nosokén, mas um tempo de paz, de diálogo e de racionalidade. Um tempo não mais marcado pelas forças da natureza em seu estado *in natura*, e sim um tempo em que a racionalidade impera, a partir do feminino que retumba com força, trazendo em seu ventre o ‘novo’.

Os grafismos contidos no Puratin, que em seu conjunto se constitui no texto oficial da história do povo Mawé, não é mais lido ou conhecido pelos indígenas. Os mais antigos dominavam esse tipo de escrita e ensinaram para alguns de forma oral. A não tradução escrita desses sinais ocasionou a perda dessa história, que julgamos ser fundamental para o conhecimento das origens desse grupo étnico que traz em si as marcas da dualidade entre bem e mal, expressa numa trajetória de vida marcada por experiências negativas e positivas como eles próprios reconhecem.

O registro escrito desse tempo dominado por forças maléficas que tinham nos grandes pajés seus artífices está registrado em um dos lados do remo sagrado, o puratin. Pelo fato de os indígenas não dominarem a escrita do remo, eles temem em segurá-lo pelo lado que narra coisas negativas que aconteceram no passado, pois de acordo com a sua moral, a própria leitura consiste numa evocação da forças do mal, o que provocaria a desordem entre eles mais uma vez. Em entrevista, João Cutia chama atenção para o fato de que,

Antigamente, os velhos sabiam ler o puratin do jeito certo e nada ruim acontecia. Hoje ninguém sabe mais. Se ler do lado errado, coisas ruins podem acontecer. Então é por isso que ele fica guardado. O Puratin é uma arma (entrevista, 2014).

O que antes afirmávamos sobre a escrita ser ao mesmo tempo veneno e cura tem de fato sua significação própria. Aquilo que escrevemos se torna rastro de um passado que se presentifica sempre a partir de uma releitura. Assim, o povo Sateré-Mawé entende que

o puratin guarda em si esses rastros marcantes da dualidade entre o bem e o mal e eles temem que, ao ler, as forças do mal retornem, causando a desordem e a morte. Manter o puratin em segredo é uma forma de proteção contra o que eles consideram como história negativa. Acreditamos que por esse motivo seja possível que os mais velhos temessem ensinar a grafia do puratin aos mais jovens, pois o interdito que circunda o remo diz respeito a um segredo que se constitui no *ethos* da etnia.

O puratin é um ícone sagrado, memória viva, porque os Sateré-Mawé se referem a ele como “escritos sagrados”. Para Bernardino Ferreira (63 anos),

É uma coisa muito importante. Ele é para nós um documento muito grande. Eu lembro que minha mãe dizia que para receber o puratin é como uma pessoa que estuda muito até receber o diploma. Para mim, foi muita luta receber o Puratin. Antes, sem o puratin, a gente era muito massacrado pelos bichos. O Puratin mostra que a gente tem uma defesa na nossa cultura. Sem ele, para nós, não tem sentido. Nós Sateré tem esse documento que é nosso guia, assim como os branco têm os deles (entrevista, 2013).

Observemos, na fala de Bernardino Ferreira, que o puratin é uma espécie de documento que ele compara com as leis do homem branco. O Puratin representa não só as marcas do passado grafados pelos mais antigos, mas uma escrita proxêmica que está para além do aparente. É, em outro sentido, um guia espiritual que expressa o limite entre o bem e o mal, uma dupla realidade antagônica que permeia não só o imaginário Mawé, mas a organização social da etnia.

Souza (2011, p. 30) enfatiza que “na leitura do Puratin, as histórias remetem a um passado mítico e presente, traduzindo um sentimento coletivo e uma ordem de pertencimento, onde todos são regressados ao passado, às origens míticas”. Existem três cópias do remo sagrado guardadas tanto no rio Andirá quanto no Marau.

Seja a palavra escrita ou oral, ela tem um poder extraordinário sobre aqueles que ouvem e falam. Detienne (2008, p. 14) assinala que “a civilização correspondente aos povos da natureza não pode se difundir entre pessoas iletradas: a escrita é indispensável. A escrita é a marca constitutiva das sociedades históricas, as que fazem a história que os historiadores devem escrever, sobretudo depois que se tornaram profissionais de uma verdadeira ciência”. Assim, entendemos que a escrita do Puratin em hieróglifos faz do povo Sateré-Mawé um povo não ágrafo, mas dominante de uma escrita própria que se perdeu no tempo por desuso.

O importante é percebermos que esse tempo de guerra, do qual nos fala João Cutia, é um tempo anterior ao guaraná. Para a moral Mawé, é imprescindível que o sakpó seja ralado no sentido horário, pois acreditam que o que está por vir traz sempre a esperança de algo bom. O sentido horário é a expressão de caminhar na direção do futuro, do novo. O medo do passado de guerras e contendas é um interdito entre eles. Assim, o sakpó torna-se a força propulsora que dirige os passos do povo Mawé sempre na direção do novo, de

energias positivas que eles relacionam à obediência aos deuses das matas e dos rios. Os Sateré-Mawé acreditam que o céu (mundo astrofísico e lugar dos deuses) é o reflexo da vida terrena. O que está escrito na terra, está escrito no céu e vice-versa.

A vida do povo Mawé é marcada por três grandes rituais que consideramos ser o tripé de sustentação das crenças e vivências deles: o sakpó, a tucandeira e a moça nova. Os dois últimos se referem aos rituais de passagem e têm um tempo específico para acontecer, conforme a dinâmica dos sujeitos e da coletividade do grupo étnico. O sakpó está presente na cotidianidade do grupo, pois representa a vida para este povo, tanto no sentido espiritual quanto material.

Esse mundo sagrado, que surge da cuia do sakpó ativado pela força do feminino, prorrompe-se sobre as forças maléficas vivenciadas por este povo ainda em estado de natureza, em tempos idos. O registro dessa experiência negativa escrita no Puratin é o reverso da história nova que surge a partir do guaraná e marca significativamente suas vidas. O estado de natureza representa o tempo do masculino, o momento em que a tribo vivia sob a égide dos grandes pajés e suas pajelanças. O sakpó é o tempo do feminino. É o reverso da primeira história. É o tempo novo que traz em si a pujante força da racionalidade.

Assim podemos afirmar que o sakpó se constitui na coluna da espiritualidade mítica do povo Mawé. Erguido sobre o patavi, sustentáculo da cuia que representa a horda do mundo, esse líquido precioso, sinal de vida para o povo Mawé, derrama-se sobre o chão sagrado da Terra sem Males e sobre todos aqueles que de forma respeitosa bebem com eles na mesma cuia. Esses três elementos relacionados diretamente ao guaraná - sakpó, patavi e cuia - formam a tríade da crença que engendra o mundo sagrado dos Sateré-Mawé.

Marcados historicamente pela dualidade de forças opostas, os Mawé buscam, na força do sakpó, a energia vital e necessária para continuarem sua trajetória de vida, a partir dos ensinamentos do grande chefe. Percebamos o papel do feminino que surge da grande árvore denominada '*Espírito de um Grande Peixe*', encontrada no jardim do Nosokén, torna-se a chave que possibilitou o início de uma nova história para o povo Mawé.

Esse feminino que tem relação direta com o sakpó é ao mesmo tempo a porta e a fechadura. Enquanto porta, permite-nos pensar em passagem, enquanto fechadura, transmite-nos a ideia de algo que precisa ser mantido em segredo, guardado.

O ato de a mulher pegar o filho morto, de abrir a cova e o enterrá-lo é o mesmo ato trazido no Gênesis (2, 7), quando da terra Deus faz o homem, depois sopra em suas narinas e lhe dá a vida. Vida e morte não são dois atos distintos e inseparáveis. O viver e o morrer são a mesma realidade. Como assinala Lévi-Strauss (2012, p. 276), "dos heróis míticos, pode-se verdadeiramente dizer que voltam, pois, toda sua realidade reside em sua personificação, mas os humanos morrem de fato". O guaraná ressurgido em forma de sakpó é esse herói mítico que não morre, porque é sempre vivo e presentificado na memória do povo Mawé.

O feminino é aquele que dialoga com a natureza e a terra, tanto no plano físico do ato de semear e colher, como no plano xamânico cujos saberes lhe permitem retirar da terra as raízes, as ervas, as folhas e as sementes para curar. Em conversa com a tuxaua Baku, índia Sateré-Mawé da Comunidade Sahu-apé, coletamos a seguinte informação:

As pessoas vêm me procurar por alguma doença que têm e eu procuro curá-las. Minha irmã conta uma história que havia um xamã na área indígena do Andirá que, quando ia curar as mulheres, rasgava suas roupas, esfumaçava com o cigarro e outras coisas que ele usava para curar. Eu não. Não preciso de nada disso. Quando saio cedo de manhã para colher as ervas, vou muito consciente do que eu estou fazendo e sabendo o que eu estou fazendo. Esse trabalho é sério. Os espíritos falam e ninguém pode brincar com isso. (Tuxaua Baku, 57 anos, entrevista, 2013).

Na fala da tuxaua Baku, percebemos que não existe no universo das mulheres Sateré-Mawé uma distinção entre as coisas materiais e imateriais. Tudo é um. No aprendizado do dia a dia e seguindo os caminhos da mãe xamânica, a tucandeira, elas vão aprendendo a entrar pelas brechas do tempo e encontrar as respostas que buscam na dimensão do corpóreo, orientadas pelos espíritos. A predisposição e o chamado são intrínsecos à natureza feminina em saber lidar com a transcendência. Algumas mais do que outras se apropriam melhor do método para alcançar tal fim. Outras permanecem mais na imanência, e essa permanência não significa que perderam o *felling* com suas raízes. Apenas não desenvolveram seus dons, como a tuxaua nos relatou em entrevista.

Desde todos os tempos, há relatos interessantes e estudos realizados sobre a questão do misticismo estar voltado mais para as mulheres do que para os homens. Abreu (2007), sobre o sagrado feminino, afirma que,

O misticismo era um caminho da fé tradicionalmente aberto a cristãos de ambos os sexos, que os doutores da Igreja e, mais tarde, os escolásticos encorajaram investigadores que se dedicaram ao estudo do misticismo medieval, na medida em que houve o cuidado de fazer um estudo comparativo da vida dos santos e dos escritos devocionais, verificaram a existência de uma aparente maior vocação para o misticismo entre o sexo feminino do que entre o masculino, bem como de competências místicas adquirirem maior notoriedade pelas suas competências místicas, sobretudo no século XIII (ABREU, 2007, p. 175).

Percebamos que essa relação do feminino com o sagrado e com a terra estão imbricadas numa dimensão de transcendentalidade que ultrapassa as barreiras do tempo e se projeta para além de nossos limitados sentidos. Na cosmovisão feminina Sateré-Mawé, são elas as que detêm as chaves da “terra sem males” nas mãos. O sakpó que é ralado no sentido horário, seguindo a ordem do tempo como o concebemos, põe em movimento o motor imóvel que se lança através da potência do fruto do guaraná num outro, capaz de reordenar o que está desordenado. As mais velhas, pelo tempo das experiências vividas, são o eixo de sustentação que equilibra as forças entre Tupana e Yurupary, que sustenta,

no pedestal da cuia, o universo mítico que jorra sobre o seu povo, permitindo abrir suas consciências para fazer o bem e viver na paz.

A trajetória dos Mawé marcada por violência no passado, como descrita no mito do puratin, revela-nos um povo desejoso de seguir as trilhas da tucandeira (mestra xamânica) encontrando nela também a sua força. A tucandeira torna-se, assim, o ritual de passagem próprio dos homens que, não tendo o mesmo poder de misticidade das mulheres, precisam ser preparados e iniciados no caminho do sagrado que marca a vida e a trajetória desse povo de modo singular.

As mulheres Sateré-Mawé sabem que são elas as grandes guardiãs da vida espiritual do seu povo e as responsáveis pela continuação da etnia. Elas são o elemento de ligação com o passado distante, com as raízes do mito. São elas as grandes xamãs que conhecem os segredos da terra e transitam no limiar entre o natural e o sobrenatural.

Adentrar a mitologia do povo Mawé é, na acepção de Detienne (2008, p. 25), “experimentar a fascinação que a mitologia e seu imaginário, no sentido mais comum, não cessaram e não cessam de exercer sobre nós e sobre a história de nossos saberes mais recentes”.

No ato do toque, do pegar a terra, de abrir suas entranhas com as mãos buscando a profundidade ideal para lançar a semente neste movimento erótico e sagrado, ao mesmo tempo, a vida se potencializa em um novo ato. A semente que desce ao útero da terra não perde sua essência, torna-se a uma outra presença. O filho morto e enterrado ressurgue transvestido de uma força única e inigualável para este povo, que com base nos sinais de morte marcados em trajetória humana, foi capaz de se deixar conduzir pela vida personificada no sakpó.

A vida Sateré-Mawé só tem sentido quando os indígenas cumprem o seu destino e não se imiscuem do processo de passagem. Aqueles que não fazem essa experiência se perdem nas coisas do mundo e são facilmente engolidos pelos prazeres externos à sua condição de ser existente enquanto Sateré-Mawé.

Os filhos da mistura (Mawé e brancos) se tornam um perigo para esse povo se não forem reeducados na cuia do sakpó e não fizerem sua iniciação com a ferroada da formiga. O velho homem deverá morrer para que um outro renasça do olho direito do guaraná transformado em bastão (pênis), precisa ser desfeito na água (sêmen vaginal) que num encontro simbiótico se transforma no poder mítico, sustentáculo de homens e mulheres na mesma dimensão.

A força do feminino não está relacionada à exposição em arenas políticas ou de diversão nos moldes da sociedade ocidental. A força da mulher Sateré-Mawé está na terra, no reservado de sua casa, na floresta, no contato direto com os espíritos que, revelando-se através da pajelança, vão abrindo os caminhos por onde devem caminhar. Esse é o seu ethos. O seu lugar por excelência.

Não podemos relacionar a vida dessa mulher no interior da casa como se fosse um

castigo, como a história ocidental entende nos moldes do patriarcado. Não significa que o espaço do lar subjugue as mulheres apenas aos afazeres domésticos a ponto de ficarem embotadas em atividades de menor valor. O espaço da casa não significa que essa mulher fique à margem dos conhecimentos essenciais e necessários à sua condição no mundo. Essa visão machista perdurou e perdura com força até hoje e levou as mulheres ocidentais a um feminismo radical que também não responde aos seus anseios.

Elas são atentas a tudo o que acontece a sua volta. Não são despolitizadas, como supôs o grande capital (TORRES, 2005). Sua influência sobre as decisões não se encontra na arena política do barracão que é um lugar de decisões políticas, não é um espaço eminentemente masculino em sua totalidade. As mulheres transitam livremente nele. Elas podem assistir às reuniões e delas participar. Se desejarem, também podem fundar associações de mulheres e sua palavra é ouvida. Em algumas comunidades, elas são mais politicamente participativas, em outras não. Muito mais do que uma imposição masculina em não permitir a participação delas, pensamos ser uma falta de interesse das mesmas e, em alguns casos, provavelmente falta de interesse por parte dos homens para incentivar nesse processo de emancipação política).

A força do guaraná e da tucandeira são sinais de resitência de um povo que busca se reencontrar nesse emaranhado de ideias e possibilidades em que estão envolvidos e envoltos, e com os quais têm de aprender a lidar para sobreviver. É uma luta constante dos mais velhos em relação aos mais jovens. Uma etnia forte, guerreira, com sinais evidentes de transcendentalidade e esperança. A cuia do sakpó precisa restabelecer o equilíbrio entre esse povo, e esta tarefa específica é da mulher, porque a ela foi dada a função pelos deuses, no Jardim do Nosokén.

São as mulheres que, resistindo às agruras e ao cansaço da roça, cuidam dos filhos, suportam a dura lida de todos os dias e preparam a bebida mágica do seu povo que, como “alimento divino”, renova as forças para a imortalidade. Conduzir os Sateré-Mawé rumo à terra sem males é a missão do feminino, o qual não esquece um só dia de ralar o guaraná e servir o sakpó, bebida ancestral que une a todos num mesmo ideal, reaproximando-os de suas origens, e se lança sobre a horda do mundo, convidando todos os povos a experimentar de sua grandeza mítico-espiritual.

É esse feminino traduzido na forma de sakpó que se lança sobre o universo Mawé, renovando as forças ancestrais da tribo na busca, em suas origens, do sentido de viver no tempo presente. O papel das mulheres é de grande responsabilidade para a vivência tribal. Se elas falham no processo de transmissão dos valores tribais, podem colocar em risco toda a essencialidade da vida mítica de seu povo. Não é demais afirmar que são as mulheres as grandes responsáveis de manter viva a chama da tocha que clareia os passos e os caminhos do povo Mawé rumo à tão sonhada e desejada terra sem males.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Zina Gonçalves. **O sagrado feminino: da pré-história à idade Média**. Edições Colibri, Lisboa, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Traduzido por Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó. Santa Catarina: Argos, 2009

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Traduzido por Cleunice Maria Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

COMTE-SPONVILLE, André. **O ser-tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência**. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DETIENNE, Marcel. **Os gregos e nós: uma antropologia comparada da Grécia Antiga**. Traduzido por Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Loyola, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34, 2014.

GORRESIO, Zilda Marengo Piacentini. **Os pressupostos míticos de C. G. Jung na leitura do destino: Moira**. São Paulo: Annablume, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Traduzido por Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes (vol.I /II), 2004.

JENNESS, Diamond. **The Indian's Interpretation of Man and Nature. Proceedings and Transactions**. Vol. 27. Section 2, Royal Society of Canada: 1935.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Traduzido por Tânia Pellegrini. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

SOUZA, Kalinda Félix de. **Regimes e transformações cosmológicas da pejelança Sateré-Mawé**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFAM, 2011

TORRES, Iraildes Caldas. **A experiência estética da poiesis feminina Sateré-Mawé, a outra face do canto de gênero**. Paper monográfico de pós-doutoramento apresentado ao Centre de Recherche et di Étude Anthropologiques - CREA da Université Lumière de Lyon 2, France, 2015 (mimeo).

TORRES, Iraildes Caldas. **As novas Amazônidas**, Manaus: Edua, 2005.

UGGÈ, Enrique. **Mitologia Sateré-Mawé**. Ecuador: Abya-Yala, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282

S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 